

A metonímia na interpretação de unidades lexicais neológicas

Metonymy in the interpretation of neological lexical units

Bruno Maroneze

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD – Dourados – Mato Grosso – Brasil



Resumo: Este trabalho visa discutir o papel da metonímia na interpretação de unidades lexicais neológicas formadas por sufixação. São apresentados adjetivos e verbos neológicos coletados na imprensa escrita brasileira, os quais são classificados quanto aos padrões metonímicos presentes em seu significado. A metonímia é analisada como um processo que relaciona o significado linguístico com o conhecimento extralinguístico do falante. Os dados aqui apresentados corroboram outros estudos sobre o tema, em especial Basilio (2007, 2011).

Palavras-chave: Neologismo. Metonímia. Derivação sufixal.

Abstract: This work intends to discuss the role of metonymy in the interpretation of suffixed neological lexical units. The data are neological adjectives and verbs extracted from Brazilian written press, which are classified in relation to the metonymical patterns present in their meaning. Metonymy is analysed as a process which relates linguistic meaning to the speaker's extralinguistic knowledge. The data here presented corroborate other studies on the same subject, specially Basilio (2007, 2011).

Keywords: Neologism. Metonymy. Suffixal derivation.

1 Introdução

A metonímia é um fenômeno que já recebe atenção desde a Antiguidade, e tem sido largamente estudado na Linguística contemporânea, especialmente no âmbito da corrente conhecida como Linguística Cognitiva. Sendo assim, dispensa longas caracterizações. A citação a seguir é suficientemente esclarecedora:

Mais recentemente, a partir das proposições da Linguística Cognitiva, a metonímia é considerada como um fenômeno conceptual, no qual uma entidade conceptual dá acesso a outra entidade dentro do mesmo domínio ou modelo cognitivo. Assim, por exemplo, “cabeça” está dentro do domínio “pessoa” e a metonímia é entendida como Parte pelo Todo. (BASILIO, 2011, p. 4)

Neste artigo, apresentamos alguns resultados de nossa tese de doutoramento (MARONEZE, 2011) em relação ao papel da metonímia na interpretação de unidades lexicais neológicas formadas por meio de sufixos. Em especial, argumentamos que a metonímia tem a função de relacionar o conhecimento linguístico com o extralinguístico nessas unidades lexicais. Os resultados vêm corroborar outras pesquisas sobre o assunto, como os trabalhos de Basilio (2007, 2011). Na primeira seção deste artigo, trazemos os resultados e um apanhado das considerações teóricas dessa autora, que servirão para orientar a análise de nossos dados, apresentada na segunda seção. Uma terceira seção encerra este artigo, com considerações finais.

2 A metonímia e a derivação sufixal

A metonímia na formação de palavras é objeto de dois importantes artigos de Basilio: Basilio (2007) e Basilio (2011).

Basilio (2007) descreve alguns padrões metonímicos envolvidos na formação de verbos denominais: Substância por Ato (*aguar, cimentar, perfumar, salgar* etc.); Instrumento por Uso (*carimbar, martelar, pincelar* etc.); Agente por Ato (*assessorar, mendigar, monitorar* etc.); e Recipiente por Ato

(*embolsar, empacotar, encaixotar, enjaular* etc.). Basilio (2011) amplia as descrições para outros tipos de construções: nomes de ação deverbais, nomes de agente deverbais e denominais, nomes de paciente (de um ato expresso por um verbo), conversão de adjetivo para substantivo, substantivos abstratos derivados de adjetivos e algumas construções lexicais compostas, propondo um grande número de padrões metonímicos presentes na interpretação dessas construções.

Talvez mais importantes que as descrições dos padrões metonímicos sejam as considerações teóricas que a autora levanta. Em ambos os trabalhos, a autora argumenta que a metonímia “se revela um instrumento não apenas para a eficiência da comunicação no nível dos enunciados, mas também para a eficiência do léxico enquanto sistema dinâmico provedor de signos nas línguas” (BASILIO, 2011, p. 4). A metonímia teria o importante papel de auxiliar o armazenamento e o acesso das formas no léxico.

A autora também argumenta em favor de uma distinção entre o conhecimento linguístico e o conhecimento enciclopédico na interpretação das unidades lexicais derivadas:

Fica claro [...] que a interpretação de construções de verbos denominais é baseada na interação entre o conhecimento linguístico de padrões morfológicos de formação de verbos [...] e padrões metonímicos [...]. A esta interação se soma o conhecimento enciclopédico [...].

[...]

Em suma, verbos denominais são interpretados automaticamente pela interação entre padrões morfológicos de formação de palavras e padrões metonímicos, e conectados ao conhecimento enciclopédico dos atos correspondentes. (BASILIO, 2007, p. 16-17)

3 A metonímia nas unidades lexicais neológicas

Passamos agora a descrever os dados de unidades lexicais neológicas e mostrar em que medida eles corroboram as reflexões de Basilio (2007, 2011).

3.1 Metodologia

As unidades lexicais neológicas analisadas em Maroneze (2011) integram a *Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo*, um projeto coordenado pela Prof.^a Dr.^a Ieda Maria Alves, e sediado na Universidade de São Paulo (cf. *website* <<http://www.fflch.usp.br/dlc/neo/>>). É constituída por unidades lexicais neológicas coletadas na imprensa escrita brasileira, em especial nos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*, e nas revistas *Veja*, *Época* e *IstoÉ*, a partir do ano de 1993.

São consideradas neológicas as unidades lexicais que não estão incluídas no corpus de exclusão, o conjunto de dicionários da língua geral que serve de parâmetro para a determinação do caráter neológico de uma unidade lexical. Os detalhes da constituição do corpus de extração e do corpus de exclusão são descritos no referido *website* (ALVES, s/d).

3.2 Padrões metonímicos observados

Observamos padrões metonímicos na formação de adjetivos e de verbos. Em relação à formação de substantivos, faremos algumas considerações na seção 2.3, “Discussão”.

3.2.1 Metonímia na formação de adjetivos

Em relação aos adjetivos formados a partir de substantivos, destaca-se o padrão metonímico CARACTERÍSTICA PELO SEU POSSUIDOR OU CRIADOR, em especial nos adjetivos formados com o sufixo *-ano*: por exemplo, ao dizermos que a “desgraceira” é *dickensiana*, estamos denominando uma característica (ou um conjunto de características) por meio de uma personalidade literária que apresentava essas características em suas obras:

dickensiano (relativo à obra de Charles Dickens)
No filme de Polanski, atores mirins cativantes e intérpretes tarimbados – como Ben Kingsley, no papel de Fagin – circulam em cenários que reconstituem primorosamente a Inglaterra das primeiras décadas do século

XIX, reproduzindo a desgraceira <dickensiana> com toda a seriedade e desvelo de que são capazes. (Veja, 16-nov-05)

Além dessa relação metonímica, é importante mencionar que há um processo de restrição de significado operando conjuntamente: o adjetivo *dickensiano*, por exemplo, refere-se apenas às características da obra de Dickens, não a, digamos, suas características físicas ou de qualquer outra natureza. Esse processo também pode ser considerado metonímico.

Ainda podem ser percebidas outras relações metonímicas na formação de adjetivos a partir de substantivos. Em *banespiano*, *variguiano* e outros adjetivos similares, pode-se perceber a metonímia PERTINÊNCIA PELO GRUPO PERTENCIDO. Embora não de forma idêntica, essa mesma metonímia também está presente em *palmeirense*, *lumense*, *são-paulino* e nos adjetivos pátrios, como *dubaiense*.

Por fim, a metonímia CARACTERÍSTICA PELO SEU EFEITO está presente em adjetivos como *bobagento*, *intriguento*, *enxaquecoso* e outros em *-oso* e *-ento*: a característica de ser *intriguento*, por exemplo, é denominada com base em seu efeito, a intriga.

Em relação aos adjetivos formados a partir de verbos, parece haver dois tipos principais de metonímia:

a) CARACTERÍSTICA PELA AÇÃO QUE A PROVOCA: é a metonímia presente na maioria dos adjetivos em *-nte*. Por exemplo, um personagem *idiotizante* apresenta uma característica provocada pela própria ação de idiotizar, que é atribuída a esse mesmo personagem:

idiotizante (que idiotiza)
A um mês de seu término, ninguém duvida que a atual trama das 8 da Rede Globo seja pródiga em personagens <idiotizantes>. (Veja, 05-out-05)

b) CARACTERÍSTICA PELO SEU EFEITO POTENCIAL: está presente nos adjetivos em *-vel*. Em *polimerizável*, por exemplo, denomina-se a

característica pelo efeito potencial de ser polimerizado:

polimerizável (que pode ser polimerizado)
No consultório, o produto utilizado para clarear - o peróxido de carbamida - é 20% mais concentrado e é <polimerizável> (clareia mais rapidamente com a aplicação de luz especial). (IstoÉ, 14-abr-99)

Essa última metonímia talvez deva ser considerada um subtipo da metonímia CARACTERÍSTICA PELO SEU EFEITO.

3.2.2 Metonímia na formação de verbos

A formação de verbos em português já foi objeto de muitos estudos e análises. Do ponto de vista semântico, cabe destacar o estudo de Coelho (2003, pp. 94-101), que apresenta sete possíveis relações entre os verbos e os substantivos que lhes servem de base (os exemplos são da própria autora):

a) verbos ornativos: denotam a ação de colocar o objeto referido pelo substantivo-base em outro objeto (*murar* – colocar muros);

b) verbos locativos: denotam a ação de colocar um objeto no local referido pelo substantivo-base (*tabelar* – colocar em tabela);

c) verbos causativos: denotam a ação de transformar algo no objeto referido pelo substantivo-base (*mumificar* – transformar em múmia);

d) verbos incoativos: denotam uma mudança de estado em termos psicológicos (*doutorar-se* – tornar-se doutor);

e) verbos similativos: denotam uma ação similar à ação tipicamente realizada pelo substantivo-base (*lagartear* – agir como um lagarto);

f) verbos instrumentais: denotam uma ação realizada com o uso de algo referido pelo substantivo-base (*pincelar* – usar um pincel);

g) verbos essivos: denotam o estado de ser ou apresentar algo referido pelo substantivo-base (*apadrinhar* – ser padrinho de alguém).

Com essa classificação, fica evidente que o processo cognitivo da metonímia opera subjacente a todos esses sete tipos de relação semântica. Em alguns casos ele é mais facilmente percebido e

descrito, como nos verbos instrumentais, em que subjaz a metonímia AÇÃO/PROCESSO PELO SEU INSTRUMENTO, e nos verbos causativos, cuja metonímia subjacente pode ser descrita por PROCESSO PELO SEU RESULTADO. Também aos verbos similativos subjaz a metonímia AÇÃO PELO SEU AGENTE TÍPICO.

Dessa forma, talvez seja mais adequado substituir essa classificação por uma baseada em padrões metonímicos. Assim, por exemplo, a distinção entre verbos causativos e incoativos, adotada por Coelho (2003), não se torna relevante, na medida em que a ambos subjaz o mesmo padrão metonímico (PROCESSO PELO SEU RESULTADO). Com isso, os verbos neológicos formados a partir de substantivos podem ser assim classificados:

a) verbos ornativos (metonímia AÇÃO DE COLOCAR PELO OBJETO COLOCADO): *aceemizar* (“dar características de ACM a algo”), *bergmanizar* (“colocar características de Bergman”), *encoxar* (“colocar as coxas em alguém”), *glamourizar* (“dar glamour a algo”), *futebolizar* (“colocar características de futebol”), *marquetear* (“colocar uma marca em algo”), *nominar* (“colocar nome em alguém”), *sexar* (“selecionar o sexo do animal na reprodução assistida”);

b) verbos locativos (metonímia AÇÃO PELO LOCAL): *manchetar* (“colocar em manchete”), *ranquear* (“colocar no ranking”);

c) verbos causativos (metonímia AÇÃO/PROCESSO PELO RESULTADO): *clientar* (“transformar em cliente”), *clonar* (“criar um clone”), *cuecar* (“dançar cueca – dança típica chilena”), *dolarizar* (“transformar em dólar”), *fetichizar* (“transformar em fetiche”), *folclorear* (“realizar um ato folclórico”), *fulanizar* (“transformar em algo geral”), *impichar* (“fazer um impeachment”), *malufar* (“tornar-se adepto de Maluf”), *micar* (“transformar em mico”), *novelizar* (“transformar em novela”), *ritualizar* (“transformar em ritual”), *sarneyzar* (“tornar-se semelhante a Sarney”), *semiotizar* (“transformar em Semiótica”), *sojalizar* (“transformar em soja”), *surtar* (“ter um surto”), *tucanificar* (“transformar em tucano”);

d) verbos similitivos (metonímia AÇÃO PELO AGENTE TÍPICO): *arapongar* (“agir como araponga”), *buarquear* (“agir como Chico Buarque”), *cafetinar* (“agir como cafetina”); *dunlapizar* (“agir como Dunlap”), *henricar* (“agir como Fernando Henrique”), *locutar* (“agir como locutor”), *malufar* (“agir como Maluf”), *mottar* (“agir como Sérgio Motta”), *ricardear* (“agir como Ricardão”), *serjar* (“agir como Sérgio Motta”);

e) verbos instrumentais (metonímia PROCESSO PELO INSTRUMENTO): *apalavrear* (“usar a palavra para agendar compromisso”), *crochetar* (“usar a técnica do crochê”), *escanear* (“usar escâner”), *filipetar* (“usar filipetas para divulgar um evento”), *patinetar* (“andar de patinete”), *pipar* (“fumar com cachimbo” – ingl. *pipe*), *propagandear* (“usar propaganda”), *periciar* (“usar a perícia”), *skypear* (“usar o software *skype*”), *telecinar* (“transferir o filme usando um telecine”), *volear* (“usar a técnica do voleio”);

f) verbos essivos (metonímia ESTADO PELA SUA CARACTERÍSTICA): *bisnetar* (“ser bisneto”), *sobrinhar* (“ser sobrinho”).

Como se pode observar, o grupo mais frequente é o dos verbos causativos, seguido pelos similitivos, instrumentais e ornativos; os locativos e essivos formam os grupos menos numerosos.

Em relação aos verbos neológicos derivados de adjetivos, esses não podem ser locativos ou instrumentais, já que adjetivos em princípio não podem referir-se a instrumentos ou locais. Parece ser possível atribuir a todos eles um significado causativo. Isso acontece com verbos parassintéticos (*acariocar*, *emburrecer*), com verbos em *-izar* (*coloquializar*, *didatizar*, *latinoamericanizar* etc.), com verbos em *-(i)ficar* (*complexificar*, *tecnificar*) e com verbos em *-ar* (*voluntariar*):

acariocar (tornar algo carioca)
"Vários filmes cometeram o erro de <acariocar> o Nelson. Nós escapamos dessa cilada, porque o Rio de Janeiro não é o mundo do autor", conta Carlos Manga. (Veja, 26-abr-95)

didatizar (tornar algo didático)
Em outras palavras, o jornalismo terá de fazer frente a uma exigência qualitativa muito

superior à do passado, refinando sua capacidade de selecionar, <didatizar> e analisar. (Folha de S. Paulo, 17-ago-97)

tecnificar (tornar algo técnico)
- Se vamos entrar num mundo que se engloba e se <tecnifica>, em que o avanço técnico é muito acelerado, não podemos mais contar com uma força de trabalho que não seja educada - argumenta o ministro da Educação, Paulo Renato Souza. (O Globo, 01-dez-96)

voluntariar (tornar voluntário)
Por iniciativa de Clara Ant, a tesoureira da campanha petista, a casa passou por uma medição radiestésica conduzida pela taróloga Maria da Conceição Lira Soares, 57 anos. /.../ Simpatizante do PT, a taróloga sentiu-se tão à vontade no comitê de fachada verde-amarela que <se voluntariou> para trabalhar lá. (Veja, 29-jul-98)

No entanto, há alguns verbos nesse caso que poderiam ser interpretados tanto como causativos quanto como ornativos. Por exemplo, *acariocar* (“colocar características cariocas em algo”), *cientificizar* (“colocar características científicas em algo”), *mexicanizar* (“colocar características mexicanas em algo”) etc. A metonímia envolvida nesses casos poderia ser descrita como AÇÃO (DE COLOCAR) PELAS CARACTERÍSTICAS COLOCADAS.

3.3 Discussão

Em Maroneze (2011, pp. 47-49), propomos distinguir dois níveis de significado no caso das unidades lexicais neológicas formadas por sufixação: o *significado composicional*, passível de ser “calculado” em função dos significados de seus elementos formadores, e o que pode ser chamado de *significado lexical*, idiossincrático, decorrente de fatores variados, tanto linguísticos quanto extralinguísticos. Rainer (2005, p. 421) afirma que essa distinção já é tradicional nos estudos sobre formação de palavras em alemão; nessa língua, os termos empregados são *Wortbedeutung* (significado lexical) e *Wortbildungsbedeutung* (significado composicional ou construcional).

A partir dessa distinção, caberia indagar qual seria o papel da metonímia nesses dois níveis de significado. Para uma tentativa de resposta, tome-se como exemplo o verbo *escanear*. Seu significado

composicional, ou seja, o significado que está presente nos seus elementos formadores (*escâner* + *-ear*), pode ser descrito por “realizar uma ação envolvendo um escâner”. Qual ação seria essa é algo que não está no significado composicional. Algumas possibilidades seriam:

- a) Transformar em escâner (AÇÃO/PROCESSO PELO RESULTADO);
- b) Colocar um escâner em algo (AÇÃO DE COLOCAR PELO OBJETO COLOCADO);
- c) Colocar algo em um escâner (AÇÃO PELO LOCAL);
- d) Usar um escâner (PROCESSO PELO INSTRUMENTO).

O falante-ouvinte que tem a tarefa de interpretar o verbo *escanear* deve escolher qual das metonímias possíveis é a que de fato se realiza no significado lexical. A partir do conhecimento da realidade extralinguística (escâneres são instrumentos que operam a transformação de documentos concretos em imagens digitais), o falante-ouvinte pode então escolher a metonímia PROCESSO PELO INSTRUMENTO como a mais adequada para interpretar o verbo *escanear*, completando assim o significado lexical do verbo.

Esse breve exemplo parece sugerir que a metonímia é um processo linguístico-cognitivo de que o falante lança mão para “construir” o significado lexical a partir do composicional e do conhecimento extralinguístico. Essa conclusão não é muito diferente da de Basilio (2007), já referida na seção 1 do presente trabalho. Cabe notar, no entanto, que a distinção entre conhecimento linguístico e conhecimento enciclopédico, referida pela autora, não se confunde com a distinção apresentada aqui entre significado composicional e lexical, já que os dois níveis de significado são de natureza linguística.

Em relação à formação de substantivos, em Maroneze (2011) abordamos apenas a formação de substantivos abstratos, tanto derivados de verbos (*tocção*, *patenteamento* etc.) como derivados de adjetivos (*cientificidade*, *panaquice* etc.). É possível também encontrar padrões metonímicos no significado desses substantivos, conforme mostra

Basilio (2011), em especial quando esses substantivos adquirem significados concretos. No entanto, não foi possível perceber nenhum padrão metonímico que relacionasse o significado do substantivo derivado com o adjetivo ou verbo que lhe serve de base. Pode-se perguntar se isso não está mais relacionado com as concepções que se tem de metonímia e sua descrição do que propriamente com a inexistência de padrões metonímicos nesses casos.

4 Considerações finais

Esperamos ter mostrado, neste artigo, que a metonímia é um processo linguístico-cognitivo presente na formação de palavras em português. Após elencar os padrões metonímicos presentes na formação de adjetivos e verbos neológicos, trouxemos discussões em relação ao papel da metonímia na interpretação dessas unidades lexicais. Em especial, hipotetizamos que a metonímia tem o papel de relacionar o significado composicional com o conhecimento extralinguístico, formando o significado lexical. Nossa análise corrobora outros estudos sobre o tema, em especial Basilio (2007, 2011), e espera contribuir para que mais discussões sejam trazidas sobre essa importante questão.

Referências

- ALVES, Ieda Maria. Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo. s/d. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/neo/>>. Acesso em: 28.05.2015.
- BASILIO, Margarida. O papel da metonímia nos processos de formação de palavras: um estudo dos verbos denominais em português. Revista da ABRALIN, v. 6, n. 2, p. 9-21, jul./dez. 2007.
- BASILIO, Margarida. O papel da metonímia na morfologia lexical. ReVEL, edição especial n. 5, 2011. [www.revel.inf.br].
- COELHO, Carla Cristina Almeida. Formação de verbos em -ar em português. 2003. 239 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2003.

MARONEZE, Bruno Oliveira. Um estudo da mudança de classe gramatical em unidades lexicais neológicas. 2011. 198 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

RAINER, Franz. Semantic change in word formation. *Linguistics*. v. 43, n. 2, 2005, p. 415-441.